

TEMA 10. A Paixão e Morte na Cruz

Jesus morreu pelos nossos pecados (cf. *Rm 4, 25*) para nos libertar deles e nos resgatar para a vida divina.



PDF: A Paixão e Morte na Cruz.

1. O sentido geral da Cruz de Cristo.

1.1. Algumas premissas:

O mistério da Cruz enquadra-se na linha geral do projecto de Deus e da vinda de Jesus ao mundo. O sentido da criação é dado pela sua finalidade sobrenatural, que consiste na união com Deus. No entanto, o pecado alterou profundamente a ordem da criação: o homem deixou de ver o mundo como uma obra cheia de bondade e converteu-o numa realidade equívoca. Pôs a sua esperança nas criaturas e fixou como meta falsos fins terrenos.

A vinda de Jesus Cristo ao mundo tem como finalidade reimplantar no mundo o projecto de Deus e conduzi-lo eficazmente ao seu destino de união com Ele. Para isso, Jesus, verdadeira Cabeça do género humano [1], assumiu toda a realidade humana degradada pelo pecado, fê-la sua, e ofereceu-a filialmente ao Pai. Deste modo, Jesus restituiu a cada relação e situação humana o seu verdadeiro sentido na dependência de Deus Pai.

Este sentido ou fim, da vinda de Jesus realiza-se com a sua vida inteira, com cada um dos seus mistérios nos quais Jesus glorifica plenamente o Pai. Cada acontecimento e cada etapa da vida de Cristo têm uma finalidade específica em ordem a este objectivo salvador [2].

1.2. Aplicação ao mistério da Cruz:

A finalidade própria do mistério da Cruz é tirar o pecado do mundo (cf. *Jo 1,29*), algo completamente necessário para que se possa realizar a união filial com Deus. Esta união é, como dissemos, o objectivo último do plano de Deus (cf. *Rm 8,28-30*).

Jesus retira o pecado do mundo carregando-o sobre os seus ombros e anulando-o na justiça do seu coração santo [3]. Nisto consiste essencialmente o mistério da Cruz:

- a) *Carregou com os nossos pecados*. Indica-o, em primeiro lugar, a história da sua paixão e morte relatada nos Evangelhos. Estes factos, sendo a história do Filho de Deus encarnado e não de um homem qualquer, mais ou menos santo, têm um valor e uma eficácia universais que abarcam toda a raça humana. Neles vemos que Jesus foi entregue pelo Pai nas mãos dos pecadores (cf. *Mt 26,45*) e que Ele próprio permitiu voluntariamente que a sua maldade (deles) determinasse em tudo a Sua sorte. Como diz Isaías ao apresentar a impressionante figura de Jesus [4]: «era maltratado e ele sofria e não abria a boca; era como um cordeiro levado ao matadouro, e como ovelha muda nas mãos do tosquiador e não abriu a boca» (*Is, 53,7*).

Cordeiro sem mancha, aceitou livremente os sofrimentos físicos e morais impostos pela injustiça dos pecadores, e nela, assumiu todos os pecados dos homens, toda a ofensa a Deus. Cada agravo humano é, de algum modo, causa da morte de Cristo. Dizemos, neste sentido, que Jesus “carregou” com os nossos pecados no Gólgota (cf. *1 Pe 2,24*).

- b) *Eliminou o pecado com a sua entrega.* Mas Cristo não se limitou a carregar os nossos pecados, mas também os “destruiu”, eliminou-os. Pois levou os sofrimentos na justiça *filial*, na união obediente e amorosa para com o seu Pai Deus e na justiça *inocente*, de quem ama o pecador, embora este não o mereça: de quem procura perdoar as ofensas por amor (cf. *Lc 22,42; 23,34*). Ofereceu ao Pai os seus sofrimentos e a sua morte em nosso favor, para nosso perdão: «nas suas chagas fomos curados» (*Js 53,5*).

Fruto da Cruz é, portanto, a eliminação do pecado. Desse fruto se apropria o homem através dos sacramentos (sobretudo da Confissão sacramental) e se apropriará definitivamente depois desta vida, se foi fiel a Deus. Da Cruz procede a possibilidade para todos os homens de viverem afastados do pecado e de integrarem os sofrimentos e a morte no próprio caminho para a santidade.

Deus quis salvar o mundo pelo caminho da Cruz, mas não porque ame a dor ou o sofrimento, pois Deus só ama o bem e fazer o bem. Não quis a Cruz com uma vontade incondicional, como quer, por exemplo, que existam as criaturas, mas qui-la *praeviso peccato*, no pressuposto do pecado. Há cruz porque existe o pecado, mas também porque existe o Amor. A Cruz é fruto do amor de Deus face ao pecado dos homens.

Deus quis enviar o seu Filho ao mundo para que realizasse a salvação dos homens com o sacrifício da sua própria vida, e isto diz, em primeiro lugar, muito do próprio Deus. Concretamente a Cruz revela a misericórdia e a justiça de Deus:

- a) *A misericórdia.* A Sagrada Escritura refere com frequência que o Pai entregou o seu Filho nas mãos dos pecadores (cf. *Mt 26,54*), que não poupou o seu próprio Filho. Pela unidade das Pessoas divinas na Trindade, em *Jesus Cristo*, Verbo encarnado, está sempre presente o Pai que O envia. Por este motivo, depois da decisão livre de Jesus de entregar a sua vida por nós, está a entrega que o Pai nos faz do seu Filho amado, entregando-O aos pecadores. Esta entrega manifesta, mais do qualquer outro gesto da história da salvação, o amor do Pai para com os homens e a Sua misericórdia.
- b) A Cruz revela-nos também a *justiça* de Deus. Esta não consiste tanto em fazer pagar o homem pelo pecado, mas antes em conduzir o homem ao caminho da verdade e do bem, restaurando os bens que o pecado destruiu. A fidelidade, a obediência e o amor de Cristo ao seu Pai Deus; a generosidade, a caridade e o perdão de Jesus aos seus irmãos os homens; a sua veracidade, a sua justiça e inocência, mantidas e afirmadas na hora da paixão e morte, cumprem esta função: esvaziam o pecado da sua força condenatória e abrem os nossos corações à santidade e à justiça, pois entrega-Se por nós. Deus livra-nos dos nossos pecados pela via da justiça, pela justiça de Cristo.

Como fruto do sacrifício de Cristo e pela presença da sua força salvadora, podemos sempre comportar-nos como filhos de Deus, em qualquer situação por que passemos.

Jesus conheceu, desde o princípio e do modo adequado, o progresso da sua missão e da sua consciência humana, que o rumo da sua vida o conduziria à Cruz. E aceitou-o plenamente; veio cumprir a vontade do Pai até aos últimos pormenores (cf. *Jo 19,28-30*) e esse cumprimento levou-O a «dar a sua vida para redenção de todos» (*Mc 10,45*).

Na realização da tarefa que o Pai Lhe tinha encomendado, encontrou a oposição das autoridades religiosas de Israel, que consideravam Jesus um impostor. De modo que «alguns chefes de Israel acusaram Jesus de agir contra a Lei, contra o Templo de Jerusalém, e em particular, contra a fé no Deus único, porque Ele se

proclamava Filho de Deus. Por isso, O entregaram a Pilatos, para que o condenasse à morte» (*Compêndio*, 113).

Os que condenaram Jesus pecaram ao recusar a Verdade que é Cristo. Na realidade, todo o pecado é uma recusa de Jesus e da verdade que Ele nos trouxe da parte de Deus. Neste sentido, todo o pecado encontra lugar na Paixão de Jesus. «A paixão e a morte de Jesus não podem ser imputadas indistintamente ao conjunto dos judeus então vivos, nem aos outros judeus que depois viveram no tempo e no espaço. Cada pecador, ou seja, cada homem, é realmente causa e instrumento dos sofrimentos do Redentor e culpa maior têm aqueles, sobretudo se são cristãos, que mais frequentemente caem no pecado e se deleitam nos vícios» (*Compêndio*, 117).

Jesus morreu pelos nossos pecados (cf. *Rm* 4,25) para nos livrar deles e nos resgatar da escravidão que o pecado introduz na vida humana. A Sagrada Escritura diz que a paixão e morte de Cristo é: a) sacrifício de aliança, b) sacrifício de expiação, c) sacrifício de propiciação e de reparação pelos pecados, d) acto de redenção e libertação dos homens.

- a) Jesus, oferecendo a sua vida a Deus na Cruz, instituiu a *Nova Aliança*, quer dizer, a nova forma de união de Deus com os homens que tinha sido profetizada por Isaías (cf. *Is* 42,6), Jeremias (cf. *Jr* 31, 31-33) e Ezequiel (cf. *Ez* 37,26). O novo Pacto é a aliança selada no corpo de Cristo entregue e no seu sangue derramado por nós (cf. *Mt* 26,27-28).
- b) O sacrifício de Cristo na Cruz tem um *valor de expiação*, quer dizer, de limpeza e purificação do pecado (cf. *Rm* 3,25; *Hb* 1,3; 1 *Jo* 2,2; 4,10).
- c) A Cruz é *sacrifício de propiciação e de reparação pelo pecado* (cf. *Rm* 3,25; *Heb* 1,3; 1 *Jo* 2,2; 4,10). Cristo manifestou ao Pai o amor e a obediência que os homens Lhe tínhamos negado com os nossos pecados. A sua entrega fez justiça e *satisfez* o amor paterno de Deus, que tínhamos recusado desde a origem da história.
- d) A Cruz de Cristo é *acto de redenção e de libertação* do homem. Jesus pagou a nossa liberdade com o preço do seu sangue, quer dizer, dos seus sofrimentos e da sua morte (cf. 1 *P* 1,18). Mereceu com a sua entrega a nossa salvação para nos incorporar no reino dos céus: «Ele livrou-nos do poder das trevas e transferiu-nos para o Reino do Seu muito amado Filho, no Qual temos a redenção, a remissão dos pecados» (*Cf* 1,13-14).

Principal efeito da Cruz é eliminar o pecado e tudo o que se opõe à união do homem com Deus.

A Cruz, além de eliminar os *pecados*, livra-nos também do *diabo*, que dirige ocultamente a trama do pecado e da *morte eterna*. O diabo nada pode contra quem está unido a Cristo (cf. *Rm* 8,31-39) e a morte deixa de ser separação eterna de Deus e fica apenas como porta de acesso ao último destino (cf. 1 *Cor* 15, 55-56). Removidos todos estes obstáculos, a Cruz abre a via da salvação para a humanidade, a possibilidade universal da graça.

Juntamente com a Ressurreição e a gloriosa Exaltação, a Cruz é causa da justificação do homem, quer dizer, não só da eliminação do pecado e dos outros obstáculos, mas também da infusão da vida nova (a graça de Cristo que santifica a alma). Cada sacramento é um modo diverso de participar na Páscoa de Cristo e de se apropriar da salvação que dela provém. Concretamente, o Baptismo livra-nos da morte introduzida pelo pecado original e permite-nos viver a vida nova do Ressuscitado.

Jesus é a causa única e universal da salvação humana, o único mediador entre Deus e os homens. Toda a graça de salvação dada aos homens provém da sua vida e, em particular, do seu mistério pascal.

Como acabamos de dizer, a Redenção operada por Cristo na Cruz é universal, estende-se a todo o género humano. Mas é preciso que chegue a aplicar-se a cada um o fruto e os méritos da Paixão e Morte de Cristo, principalmente por meio da fé e dos Sacramentos.

Nosso Senhor Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens (cf. *1 Tm* 2,5). Mas Deus Pai quis que fôssemos, não só redimidos, mas também co-redentores (cf. *Catecismo*, 618). Chama-nos a tomar a sua Cruz e a segui-Lo (cf. *Mt* 16,24), porque Ele «sofreu por nós deixando-nos exemplo para que sigamos as Suas pegadas» (*1 Pe* 2,21).

São Paulo escreve:

- a) «Estou pregado com Cristo na Cruz; vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (*Gl* 2,20); para alcançar a identificação com Cristo há que abraçar a Cruz;
- b) «Completo na minha carne o que falta à Paixão de Cristo, pelo seu Corpo que é a Igreja» (*Cl* 1,24); podemos ser co-redentores com Cristo.

Deus não nos quis livrar de todas as adversidades desta vida, para que, aceitando-as, nos identifiquemos com Cristo, mereçamos a vida eterna e cooperemos na tarefa de levar aos outros os frutos da Redenção. A doença e a dor, oferecidas a Deus em união com Cristo, obtêm grande valor redentor, como também a mortificação corporal praticada com o mesmo espírito com que Cristo padeceu, livre e voluntariamente, na sua Paixão por amor a fim de nos redimir expiando pelos nossos pecados. Na Cruz, Jesus Cristo dá-nos exemplo de todas as virtudes:

- a) de *caridade*: «não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos» (cf. *Jo* 15,13);
- b) de *obediência*: fez-se «obediente até à morte, e morte de Cruz» (*Fl* 2,8);
- c) de *humildade, mansidão, paciência*: suportou os sofrimentos sem os evitar nem os suavizar, como manso cordeiro (cf. *Jr* 11,19);
- d) de *desprendimento* das coisas terrenas: o Rei dos Reis e Senhor dos que dominam aparece na Cruz nu, zombado, cuspidor, açoitado e coroado de espinhos, tudo por Amor.

O Senhor quis associar a sua Mãe, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do Seu sofrimento redentor (cf. *Lc* 2,35; *Catecismo*, 618). Nossa Senhora ensina-nos a estar junto da Cruz do seu Filho [5].

Antonio Ducay

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica, 599-618.

Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 112-124.

João Paulo II, *O Valor redentor da Paixão de Cristo*, Catequese: 7-IX-1988, 8-IX-1988, 5-X-1988, 19-X-1988, 26-X-1988.

João Paulo II, *A Morte de Cristo: o seu carácter redentor*, Catequese: 14-XII-88, 11-I-89.

Leituras recomendadas

São Josemaria, Homilia «A morte de Cristo vida do cristão», em *Cristo que Passa*, 95-101.

Diccionario de Teología, C. Izquierdo et al. (ed.), vozes: *Jesucristo* (IV) e *Cruz*, Eunsa, Pamplona 2006.

Notas

- [1] É nossa Cabeça, porque é o Filho de Deus e porque se fez solidário connosco em tudo excepto no pecado (cf. *Heb* 4,15).

- [2] A infância de Jesus, a sua vida de trabalho, o seu baptismo no Jordão, a sua pregação..., tudo contribui para a Redenção dos homens. Referindo-se à vida de Cristo em Nazaré, dizia São Josemaria: «Esses anos ocultos do Senhor não são coisa sem significado, nem uma simples preparação dos anos que viriam depois, os da sua vida pública. Desde 1928 compreendi claramente que Deus deseja que os cristãos tomem exemplo de toda a vida do Senhor. Entendi especialmente a sua vida escondida, a sua vida de trabalho corrente no meio dos homens: o Senhor quer que muitas almas encontrem o seu caminho nos anos de vida calada e sem brilho», *Cristo que Passa*, 20.

- [3] Cf. *Cl* 1,19-22; 2, 13-15; *Rm* 8, 1-4; *Ef* 2, 14-18; *Heb* 9, 26.

- [4] Os quatro poemas dedicados ao misterioso “Servo de Yahvé” constituem uma esplêndida profecia no Antigo Testamento da Paixão de Cristo (*Is* 42,1-9; 49,1-9; 50,4-9; 52,13-53,12).

- [5] Cf. São Josemaria, *Caminho*, 508.